

# EDITORIAL

## Literatura, cinema e gastronomia



Há muito tem se discutido o diálogo entre literatura e cinema. É provável que a obra *L'Âge du roman américain* (1948), do francês Claude Edmonde-Magny, tenha sido a primeira a tratar dessa fraterna camaradagem. Na trilha de John dos Passos, que, em 1938, ao publicar sua trilogia *USA*, deu o nome de *camera eyes* a alguns de seus capítulos, Magny, incluindo autores como Hemingway, Steinbeck e Faulkner, tentou traçar um paralelismo entre a escritura literária e a cinematográfica. A partir disso, proliferaram-se algumas imprecisões e muita polêmica, sobretudo porque, à época, a crítica cinematográfica trilhava caminho inverso à literária. A ideia de que uma câmera era uma caneta, e podia exprimir algo tão abstrato e profundo quanto a escrita se espalhou e se tornou um clichê.

*Hiroshima mon amour*, de Resnais e Duras, lançado em 1958, consagra essa colaboração inteiramente nova entre a literatura e o cinema. De lá para cá, a camaradagem só se acentuou. Contudo, o cinema tem braços largos e fez da arte da gastronomia o mote de muitas de suas obras, traçando um imbróglio entre os dois e a literatura.

Não sem tempo, vale a pena lembrar *Como água para chocolate*, cujo roteiro, de Laura Esquivel (também baseado em seu romance homônimo), conta a história de Tita, que nasce na cozinha da família, quando a mãe descascava cebolas. Não menos célebres são *A Festa de Babette*, de Gabriel Axel, baseado no conto de Karen Blixen, e *Os Sabores do Palácio*, de Christien Vicent, livremente inspirado na vida da cozinheira de François Mitterrand, presidente francês.

Ao idearmos o dossiê “Literatura, cinema e gastronomia”, pensamos em diferentes obras ficcionais que adentraram as telas de cinema e provocaram esta intermedialidade já tão cediça nesses dias em que o olhar se desloca do texto à tela sem qualquer timidez, razão, afirmam alguns, de havermos nos tornado ‘visuais’ em demasia. O paladar, pensamos, só faria aguçar os sentidos e fazer do leitor/espectador *gourmet* de um pantagruélico banquete. Em fase de publicação, notamos que nossos autores cruzaram sensações, associaram palavras, expressões,

gêneros e memórias, enfim, tornaram-se de fato sinestésicos e tomaram a literatura em seu sentido figurado e abrangente, partiram para a biografia (que ganhou as telas) e revisitaram os livros de receitas da vovó, que viraram volume, e permitiram que pesquisadores recuperassem um pouco de nossa brasilidade.

Nosso número, abre-se com a contribuição de **Cristine Maccarone** e **Luiz Antonio Vadico**, cujo texto “Da ceia à cena: os alimentos na vida e na obra de Alfred Hitchcock” perpassa nada menos que 52 das 53 produções do icônico diretor britânico, em busca das diferentes características e utilizações que os alimentos imprimiram às suas obras. De quebra, os autores lançaram um olhar de míope sobre os gostos pessoais de Hitchcock. E uma vez que referências biográficas vieram à tona, em “Toast” **Isis Fonseca Sá** se debruça sobre as relações entre literatura e cinema a partir da biografia de Nigel Slater, obra recheada de memórias culinárias e afetivas que, levada às telas, conferiu às torradas *status* de memória involuntária.

“Rua, casa, comida: ‘Os Primos Basílios’ e suas mulheres, na literatura, no cinema e na TV”, de **José Roberto de Andrade** e **Verônica Almeida Santos**, leva o leitor ao universo eciano ao compor dois eixos: o das mulheres, Luísa, Leopoldina, Juliana e Joana, e o *intermidial*, jogo em que a obra literária e sua representação na TV e no cinema, abrem fissuras para a discussão do feminino em seus espaços de circulação. “O *Ensaio sobre a cegueira* e a interdição ao sabor: literatura, cinema e práticas discursivas de sujeição”, de **Éderson Luís da Silveira** e **Rodrigo de Freitas Faqueri**, traça um panorama entre a obra de Saramago e a do diretor Fernando Meirelles. No artigo, os autores, sustentam que “nas obras ficcionais, a interdição dos alimentos é discursiva e remete ao terreno das práticas em que alguns são proibidos e outros são os que decidem, negligenciando-se princípios éticos para coisificar mulheres como moeda de troca aproximando as relações humanas de um viés utilitarista”.

Em “*L’Amant de la Chine du Nord*: roteiro romanesco entre cinema e literatura”, **Maria do Socorro Aguiar Pontes Giove** discorre sobre o efeito bumerangue produzido pela adaptação de *L’Amant*, obra de Maguerite Duras, levada às telas pelo francês Jean-Jacques Annaud, cujo resultado não a agradou. Desta feita, Duras, insatisfeita, produz *L’Amant de la Chine du Nord*, misto de romance e roteiro cinematográfico.

“Aproximações entre literatura e cinema: narradores não confiáveis de *Dom Casmurro* e *Anticristo*”, de **Renata Del Moro**, analisa a obscuridade dessa figura de matiz machadiano, o narrador não confiável, em contraponto com o narrador de similar progênie de *Anticristo*, filme do cineasta Lars Von Trier. Del Moro investiga como temas de grande interesse ao texto literário e à técnica cinematográfica são trazidos à luz por meio aproximação.

**Joseana Stringini da Rosa**, em “Transposição intermediática: diálogo entre literatura e cinema”, analisa a intermedialidade, qual seja, a transposição de uma mídia para outra, do livro para a tela, a partir da *graphic novel* *Le bleu est une couleur chaude*, fonte do diretor Abdellatif Kechiche para a realização do filme *La Vie d'Adèle*.

Em “A construção do personagem Arthur por meio de sua conexão com a cozinha no romance de *The Solid Mandala*, de Patrick White”, **Monica Stefani** elenca como a fabricação do pão e da manteiga, fazeres prediletos de Arthur, favorece a construção narrativa, a elaboração de tramas, suas repercussões e a construção identitária da personagem no romance do australiano Patrick White, Nobel de Literatura.

**Paula de Oliveira Feliciano**, em “Literatura e construção de uma brasilidade pela literatura” (1840-1960), traça um panorama da produção de livros de receitas, sobretudo no que tange à materialização e cristalização de símbolos e expressões que compõem a cultura material e imaterial, consubstanciando, dessa forma, para a criação de certa brasilidade. Para tanto, Feliciano lança mão das reflexões de Mário de Andrade sobre o assunto.

Encerrado nosso dossiê, iniciamos a seção de artigos com “‘Lágrimas fracas, dores mínimas, chuvas outonais’: a poética da melancolia em três escritoras lusófonas”, em que **Juan Filipe Stacul** investiga as relações de enunciação e literatura em três nomes da poesia contemporânea em língua portuguesa (Noémia de Sousa, Florbela Espanca e Ana Cristina Cesar) de modo perscrutar a constituição de uma poética da melancolia nas autoras. Na sequência, temos “Considerações sobre a morte e suas diversas facetas em *O Estrangeiro*, de Albert Camus”, em que **Mariana Almeida Varela** discorre sobre aspectos da “recepção” da *indesejada das gentes* e suas implicações na obra-prima de Albert Camus, traçando um panorama em que a morte sedimenta uma das filosofias caras a Camus, o “absurdo”.

Em “Traços de um rascunho pós-dramático: “... é o que fica.”, **Paulo Henrique de Oliveira** e **Juan Filipe Stacul**, investigam a presença dos modos de criação cênica a partir de alguns elementos da Dança-teatro e do Teatro-físico no Teatro Pós-dramático, constituindo-se em um relato de experiência cuja origem foi o conto “A caixinha de música”, de Caio Fernando de Abreu como mola propulsora.

E, para finalizar, apresentamos o conto “O Ladrão”, de Junichiro Tanizake, renomado escritor japonês, traduzido por **Renan Kenji Sales Hayashi**, instigante oportunidade ao leitor brasileiro de mergulhar na ficção de Tanizake, ao acompanhar o périplo de um ladrão pela Tóquio de meados do século XX.

O conjunto de trabalhos que perfaz este dossiê, somado aos demais artigos e à tradução, não só revela uma multiplicidade de temas de pesquisas, como também contribui para o nosso intuito de solidificar a *Revista Jangada* como veículo de expressão de conhecimento produzido no universo das Humanidades.

A todos, desejamos uma ótima leitura, um bom filme e um *bon appétit!*

Dirceu Magri  
Elaine Cristina Cintra  
Editores deste número